

Líder Suruí vê o passado e fala do futuro em Berlim  
De Berlim  
29/02/2008

Almir Narayamoga Suruí entrou na estação de metrô Alexanderplatz, a lendária praça de Berlim, acompanhado pela diretora do departamento América Latina da Fundação Heinrich Böll e usando seu cocar de penas de arara. O líder Suruí não parecia intimidado com os olhares surpresos e dedos apontados que surgiram pelo caminho. "É a terceira vez que venho à Alemanha", explicou, dentro do vagão. "Para os Estados Unidos já fui seis vezes."

Nas primeiras foi discutir com executivos do Banco Mundial projetos de infra-estrutura que causariam impacto em terras indígenas. Na última foi negociar com executivos do Google um sistema que conecte seu povo, os Pauter de Rondônia, à aldeia global. O Centro de Tecnologia e Cultura em Meio Ambiente terá vários computadores e é o futuro.

Em Berlim, Almir Suruí veio espiar o passado. Ele participa como palestrante em vários painéis do seminário da fundação Böll, falando como diretor do departamento etnoambiental da Coiab em Manaus, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira. Na quarta de manhã, chegou a Potsdamer Platz, outra praça mítica da cidade, convidado pela direção do Instituto Ibero-Americano para ver o acervo da instituição sobre os Paiter e os povos indígenas de áreas vizinhas, como os Cinta-Larga, os Gavião e os Zoró. O Instituto, fundado em 1930, tem o maior acervo de obras e documentos iberoamericanos da Europa. Fica colado à Biblioteca Nacional, aquela onde moravam os anjos de Wim Wenders em "O Céu sobre Berlim" e bem perto da Filarmônica onde Herbert Karajan dirigia a orquestra sinfônica da cidade.

Almir Suruí não pareceu impressionado. "Eu não tenho muito interesse em conhecer as cidades", confessou. "Temos memória dos povos indígenas. Temos tentado, mas não temos estrutura para organizar", disse à antropóloga Barbara Göbel, a diretora do Instituto. "Sabemos que não podemos fazer sozinhos." A história se perde pelo contato com os brancos, pela proximidade das cidades (a tribo está a 40 quilômetros de Cacoal e a pouco mais de 100 quilômetros de Ji-Paraná) e também porque o conhecimento e as tradições indígenas são transmitidos oralmente.

O primeiro contato do povo Suruí com os não-índios ocorreu em 1969. Eram 5.000. Almir nasceu 6 anos depois, quando os Suruí foram reduzidos a 250, dizimados pela gripe e sarampo. "Meu povo achava que era invasão, quando vieram construir a BR 364, e foram à guerra." Depois, conta, vieram os madeireiros. "Nosso território foi invadido, a maioria dos homens saiu para a cidade, foram tomando cerveja, perderam o controle de tudo."

Almir Suruí é uma das lideranças que buscou reestruturar o povo Paiter (Suruí é a designação dada aos Paiter pelos "não-índios"). "Criei um programa de desenvolvimento sustentável, com plano de reflorestamento", orgulha-se. Já plantaram 80 mil mudas. "O reflorestamento traz emprego e renda verde. Quem planta recebe uma diária. É pouco, mas já é alguma coisa." Hoje os Suruí-Paiter são 1.200 e vivem em terras demarcadas e homologadas que somam 248 mil hectares. O mais velho dos Suruí tem 102 anos.

Peter Masson, diretor do Instituto, mostrou a Almir um álbum de fotos históricas dos Carajás. Há imagens de áreas do Rio Negro do fim do século 19, mapas de chuvas, um fac-símile de mapa de 1691. "São documentos importantes até para os estudos de mudanças climáticas", alertou Barbara. Almir concordou. "A floresta tem seu espírito. Dois, três anos atrás, o rio secou. Foi um sinal de aviso, mas a floresta tem condições de reagir. Cada um tem que fazer a sua parte enquanto tem tempo ainda." (DC)